

Especificação gráfica e técnica

Unidade Curricular de Projeto

Universidade de Aveiro
Departamento de Comunicação e Arte

Docentes:

Benjamin Júnior

Hélder Caixinha

Ivo Fonseca

Pedro Amado

Orientador:

Mário Vairinhos

Discentes:

Ana Couceiro

Ana Martins

Joana Caetano

Índice:

Interação entre as plataformas <i>Web 2.0</i> :	3
Especificação técnica do documentário:	6
Entrevista:	16
Guião-Prévio:	18
Conclusão:	27
Bibliografia:	28

Índice de ilustrações:

Ilustração 1 - Esquema representativo do objetivo de cada uma das plataformas;	3
Ilustração 2 - Esquema alusivo às diferentes etapas de criação do documentário;	6
Ilustração 3 - Exterior da Escola Básica de Vagos;	9
Ilustração 4 - Exterior da Escola Básica de Vagos;	9
Ilustração 5 - Pequena horta onde as crianças NEE realizam atividades todas as semanas;	10
Ilustração 6 - Vegetais plantados pelas crianças;	10
Ilustração 7 - Placa informativa da sala de educação especial;	10
Ilustração 8 - Interior da sala de educação especial;	11
Ilustração 9 - Outra perspetiva da sala;	11
Ilustração 10 - Placa presente na entrada da sala dos afetos;	11
Ilustração 11 - Crianças que costumam frequentar esta sala;	12
Ilustração 12 - Interior da sala dos afetos, onde as crianças realizam várias atividades;	12
Ilustração 13 - Outra perspetiva da sala;	12
Ilustração 14 - Visão geral da sala dos afetos;	13
Ilustração 15 - Cenário do exterior da escola;	13
Ilustração 16 - Vista da horta dum plano picado;	14
Ilustração 17 - Vista geral da horta;	14
Ilustração 18 - Sala dos afetos;	14
Ilustração 19 - Sala dos afetos II;	15
Ilustração 20 - Sala dos afetos III;	15
Ilustração 21 - Sala de Educação Especial;	15

Interação entre as plataformas Web 2.0:

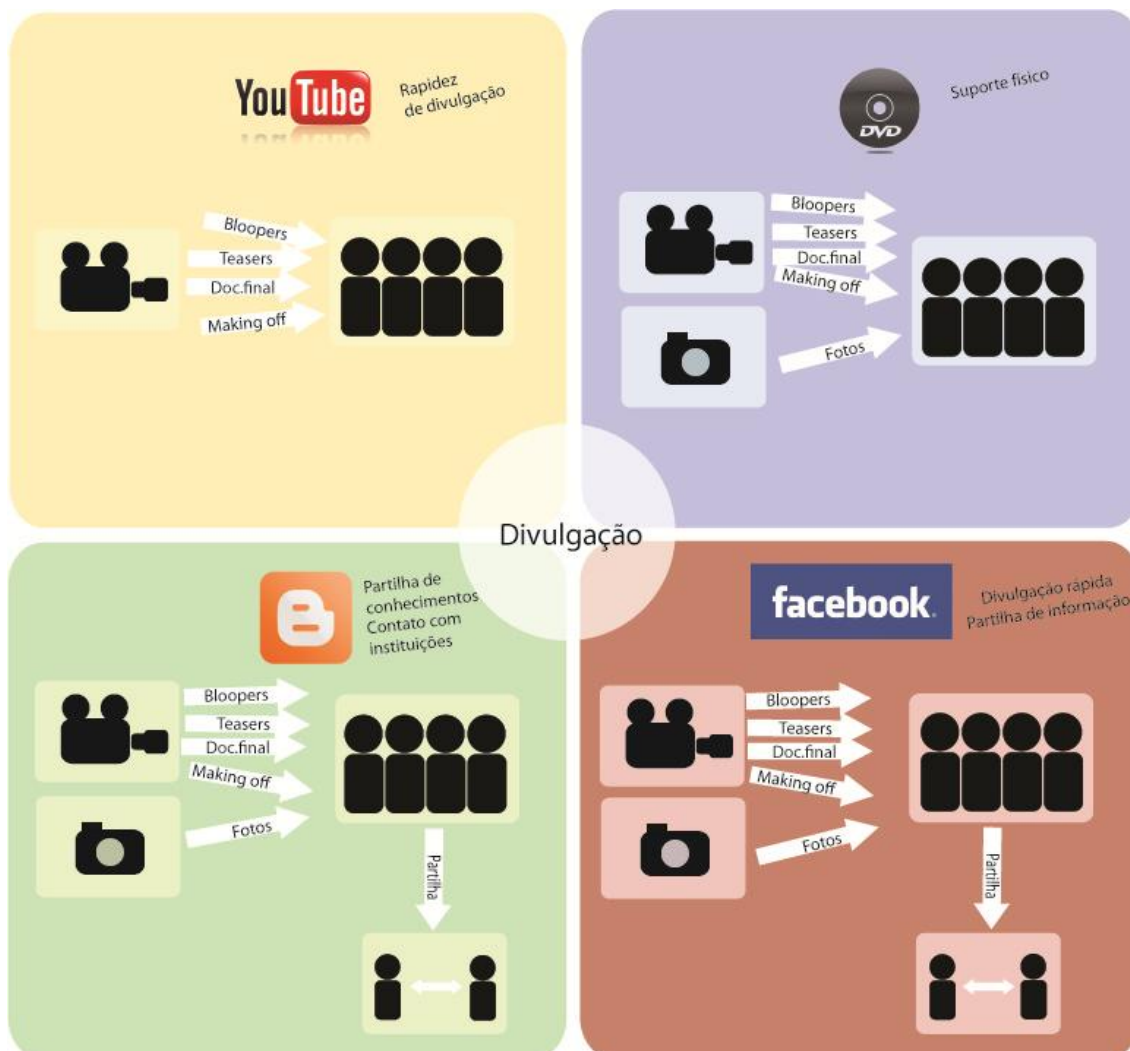


Ilustração 1 - Esquema representativo do objetivo de cada uma das plataformas;

A nossa estratégia de *marketing* para divulgar o documentário engloba três plataformas: um *blog*, um canal no *Youtube* e uma página do *Facebook*. Além disso iremos conceber um suporte físico-DVD.

Cada uma destas plataformas tem um objetivo, sendo que têm sempre pontos em comum.

Com a utilização de um canal no *Youtube*, temos a oportunidade de distribuir os nossos vídeos de uma forma rápida e fácil. Pretendemos disponibilizar aos utilizadores todo o “caminho” que percorremos até ao nosso produto final, o documentário. Para tal, planeamos facultar vídeos do *making off*, *bloopers* e *teasers*. Sendo o líder de mercado no que diz respeito a plataformas de partilha de vídeos e permitindo a integração com outras plataformas é uma ótima escolha para a difusão dos nossos conteúdos.

O *Youtube* permitiu "criar uma nova forma para milhões de pessoas se entreterem, se educarem e se chocarem de uma maneira como nunca foi vista" revista norte-americana *Time*.

O Facebook é uma plataforma com um grande número de utilizadores, portanto, tornou-se de grande importância criar uma página nesta rede social. Além dos vídeos de que falamos nas outras plataformas (documentário final, *making of*, *bloopers*, *teasers*), o Facebook permite criar mais interação com o utilizador através do lançamento de desafios, concursos, questões, partilha de fotos do desenvolvimento do documentário, entre outros.

A criação do *blog* funciona como complemento às restantes plataformas mas também de uma forma individual, obtendo o seu próprio público.

Sendo o *blog* uma plataforma web cuja estrutura permite, duma forma simples e direta a atualização a partir de *posts*, utilizando uma linguagem clara, curiosa e inteligente, possibilita que o público atinja por si mesmo conclusões superiores sobre como, e de que forma podem atuar na sua vida, e na do próximo de forma a melhorá-la.

Esta plataforma combina texto, imagens e *links* sobre assuntos da mesma temática para outros *blogs*, páginas *Web* e *medias* relacionados ao nosso tema, criado assim associações com outros autores e seguidores para a nossa plataforma, que de outra maneira, não usufruiríamos. A capacidade dos leitores deixarem comentários de forma a interagir com o autor e outros leitores de uma forma mais íntima, foi um dos fatores que levou à sua criação.

Este espaço promove a comunicação entre pessoas com interesses comuns ao registar o desenvolvimento de determinado processo, (o documentário), e fazer ouvir uma voz ou várias vozes. Além disso é um instrumento relevante na difusão do conhecimento que desafia as pessoas a reverem as suas crenças, suas convicções, suas certezas a respeito de determinadas temáticas, no nosso caso, as crianças com NEE. Outro fator que levou à sua criação foi o facto do *blog*, ter na sua essência, a intenção de ajudar as pessoas a repensarem o seu modo de viver, publicando ideias, pensamentos e questões que ofereçam aos restantes

leitores a oportunidade de considerar os fatos do quotidiano por outras perspetivas, além daquelas que possam parecer mais acertadas.

Com o desenvolvimento do DVD interativo o nosso documentário passa a ter um suporte físico. O espetador vai ter ao seu dispor o documentário final, vídeos e fotos dos intervenientes, vídeos do *making off* e *bloopers*. Em suma, o público terá acesso a um resumo organizado de tudo o que publicamos nas plataformas *Web 2.0*.

Cada indivíduo tem uma importância fundamental na formação de uma cultura, e apesar da taxa de utilizadores exclusivos de uma determinada plataforma ser mínima, pois na sua generalidade são seguidores da maioria das plataformas que referimos, existem pessoas que não o fazem. Esse público também é importante pois pretendemos que a mensagem chegue ao maior número possível de pessoas. Pretendemos que qualquer pessoa, com qual crença e preferência consiga ter acesso ao nosso trabalho, essas pessoas poderão transmitir-nos experiências únicas.

Atualmente, existem algumas ferramentas como o *Ping* (<http://ping.fm/>) ou o *Hootsuite* (<http://hootsuite.com/>), que permitem “alimentar” várias plataformas em simultâneo, isto é: os conteúdos publicados no *Facebook*, por exemplo, são instantaneamente divulgados no *blog*, *Twitter* ou noutras plataformas que se encontrem associadas. Apesar de ser uma ótima estratégia na poupança de tempo, optamos por não adotar essa técnica por consideramo-la demasiado global. Cada plataforma tem um público específico, que tem interesse por conteúdos diferentes, logo, não se torna coerente replicar todos os conteúdos nas várias plataformas.

Especificação técnica do documentário:

O documentário é o foco principal do nosso projeto, logo é importante compreender as várias fases do seu processo de criação, que consistem: na pré-produção, produção e pós-produção.

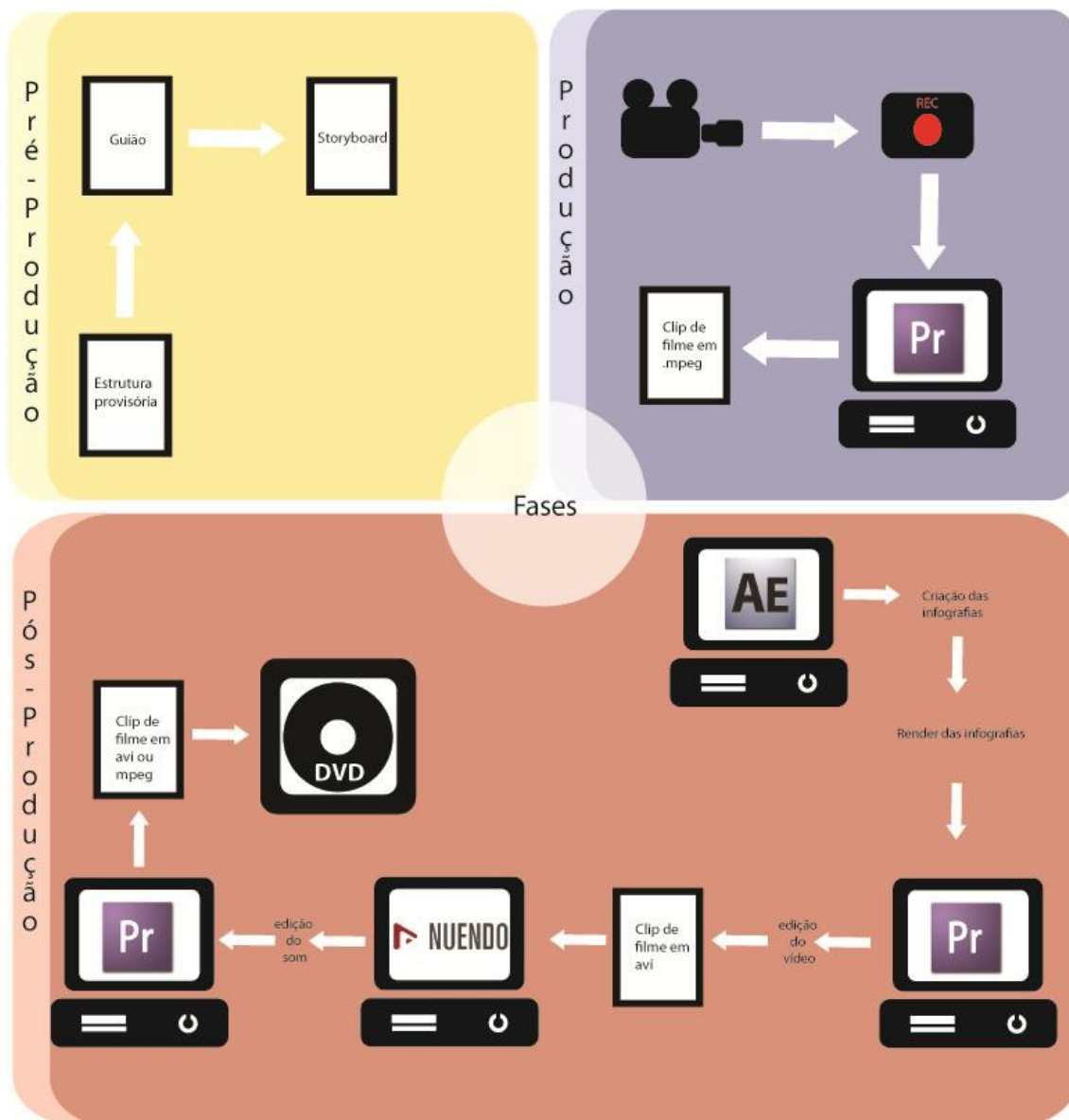


Ilustração 2 - Esquema alusivo às diferentes etapas de criação do documentário;

Como é possível visualizar no esquema, a pré-produção consiste na construção de uma estrutura provisória e subsequente construção do guião e do *storyboard*.

Na entrega anterior iniciámos a estrutura provisória do nosso documentário, com a construção da Sinopse.

Esta estrutura é “...uma espécie de primeira arrumação de aspetos soltos de informação, agrupando-os por elementos comuns...”¹ Durante este processo de organização dá-se a associação de ideias, agrupam-se temas e inicia-se a constituição da ordem sequencial dos pontos-chave do documentário.

Nesta fase, é importante conseguirmos responder a três questões:

- “De que trata o meu filme?”¹
- “O que quero dizer?”¹
- “O que o espetador deve ver?”¹

Posto isto, para iniciarmos este processo, propusemo-nos a responder a estas perguntas. O nosso documentário pretende acompanhar a vida escolar e familiar de crianças com necessidades educativas especiais (NEE) e recolher opiniões dos intervenientes na sua vida (pais, professores, amigos, psicólogos).

O nosso objetivo é transmitir ao espetador pontos em comum nas várias histórias que vamos apresentar, nomeadamente, mostrar que estas crianças apesar de terem problemas e de serem diferentes conseguem ser tão ou mais felizes do que as crianças ditas “normais”.

Com este documentário o espetador deve ver a realidade vivida por estas crianças, perceber como são apoiadas (a nível escolar e familiar), tentar compreender o que sentem as pessoas que as acompanham diariamente e, o mais importante, tentar perceber se elas se sentem diferentes e, caso o sintam, se sofrem com isso.

Para que um projeto tenha uma boa base sustentável, é necessário definir vários conteúdos:

- Título;
- Sinopse;
- Género;
- Público-alvo;
- Intervenientes;
- Locais abrangidos;
- Duração prevista.

O título deve abranger o tema central do projeto, facto que tivemos em consideração quando desenvolvemos o nome da nossa marca.

“Sou diferente e depois?” é o título escolhido pelo grupo, pois, na nossa opinião gera “discussão”, fica na memória, é espontâneo e bastante apelativo. Sendo uma questão enunciada na primeira pessoa diretamente ao interveniente, obriga-o a pensar e gerar uma opinião que possa responder à interrogação que lhe foi proferida. Suscita interesse e curiosidade para procurar e saber mais sobre o assunto. Além disso vai de encontro ao que queremos transmitir com o nosso documentário, mostrar que as crianças com necessidades educativas especiais (NEE) conseguem ser felizes e viver com as suas diferenças ultrapassando os obstáculos com que se deparam diariamente.

A Sinopse é apresentada em formato escrito e a sua finalidade é descrever de forma sucinta e objetiva os conteúdos essenciais do documentário e expressar a organização geral da ideia. Este ponto já foi apresentado na entrega anterior mas, voltamos a apresentar aqui a Sinopse do nosso documentário:

Sinopse: Quais são as dificuldades sentidas por crianças com necessidades educativas especiais no seu dia-a-dia? Como é que os seus pais, professores e amigos acompanham a sua vida e os ajudam a ultrapassar os obstáculos com que se deparam? “Sou diferente e depois?” é um documentário que acompanha a vida destas crianças, recolhe opiniões dos intervenientes que participam na vida das mesmas e tenta encontrar um ponto em comum nas várias histórias. Mostrar que ser diferente não constitui um obstáculo para a felicidade e para o sucesso é o principal objetivo deste documentário.

A definição do formato do programa que se pretende realizar, ou seja, o género, normalmente aparece como consequência dos objetivos do projeto. No nosso caso, inserimos o nosso documentário no género Social, pois a mensagem a transmitir é a integração destas crianças nas várias vertentes da sua vida e como elas vivem com as suas diferenças.

No que diz respeito ao público-alvo, este determina várias opções a tomar no documentário: o estilo a adotar e o tipo de linguagem a utilizar de modo a torná-lo o mais apelativo e esclarecedor possível são alguns exemplos. Contudo, o nosso objetivo continua a ser abranger vários tipos de pessoas e conseguir sensibilizá-las para este tipo de problemáticas. Deste modo, iremos criar um estilo abrangente e utilizar uma linguagem pouco científica, de forma a ser acessível a todas as pessoas.

Os intervenientes são as pessoas que vamos incluir na nossa equipa e que nos vão ajudar na realização do nosso documentário através dos seus testemunhos. Até á data, decidimos incluir professores, um psicólogo, pais, um terapeuta da fala, um representante do Ministério da Educação, amigos das crianças e, o mais importante de tudo, as crianças com necessidades educativas especiais. A identificação dos intervenientes é extremamente importante para a consolidação do documentário.

A definição dos locais é uma das decisões mais importantes e que devem ser definidas o mais rápido possível, pois é necessário verificar as condições de acessibilidade dos sítios onde pretendemos gravar. Para o nosso documentário vamos utilizar como locais de filmagem principais a Escola Básica de Vagos e um Centro Multideficiência. Até ao momento só nos foi possível fazer o reconhecimento da Escola. Foi uma experiência muito positiva, que nos permitiu verificar as condições para as filmagens do interior e do exterior do edifício (luminosidade, localização e acústica). Apresentamos aqui algumas fotos dos locais que iremos incluir no nosso documentário.



Ilustração 3 - Exterior da Escola Básica de Vagos;



Ilustração 4 - Exterior da Escola Básica de Vagos;



Ilustração 5 - Pequena horta onde as crianças NEE realizam atividades todas as semanas;



Ilustração 6 - Vegetais plantados pelas crianças;



Ilustração 7 - Placa informativa da sala de educação especial;



Ilustração 8 - Interior da sala de educação especial;



Ilustração 9 - Outra perspectiva da sala;



Ilustração 10 - Placa presente na entrada da sala dos afetos;



Ilustração 11 - Crianças que costumam frequentar esta sala;



Ilustração 12 - Interior da sala dos afetos, onde as crianças realizam várias atividades;



Ilustração 13 - Outra perspectiva da sala;



Ilustração 14 - Visão geral da sala dos afetos;

Foi com bastante agrado que verificamos as boas condições de que estas crianças desfrutam no seu dia-a-dia escolar. Os ambientes cheios de cor foram o que mais nos chamou a atenção, pois vai conferir muita vida às filmagens do nosso documentário. Relativamente à luminosidade, verificamos que esta é agradável em todas as salas que visitámos, logo, à partida, não será necessária a utilização do projetor para dar mais luz ao ambiente.

Quanto à acústica, não nos foi possível verificar as condições reais da mesma, uma vez que esta semana os alunos estão de férias, e como tal não se ouviam barulhos exteriores como crianças a rir, a falar ou a gritar, que são sons comuns numa escola. Fizemos o “teste das palmas”, que consiste em bater palmas e verificar se é produzido eco ou não. No caso das salas que visitámos não se produziu eco, o que nos deixou bastante satisfeitas.

Para termos uma maior noção dos cenários das filmagens com a presença de intervenientes, realizamos alguns esboços dos locais que fotografamos.

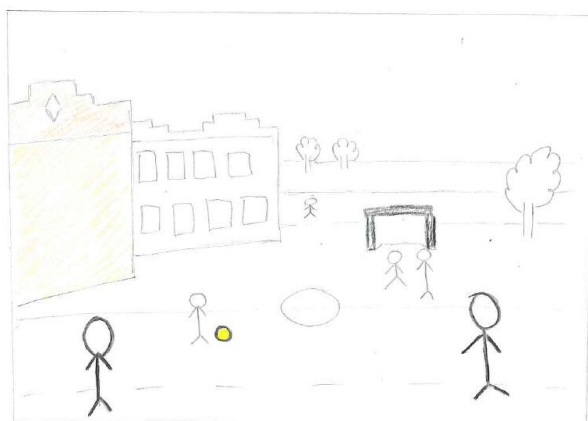


Ilustração 15 - Cenário do exterior da escola;

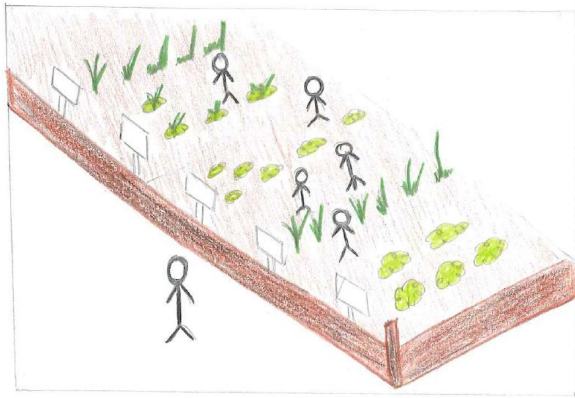


Ilustração 16 - Vista da horta dum plano picado;

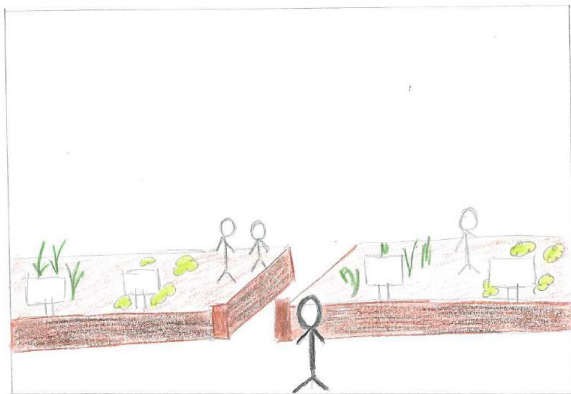


Ilustração 17 - Vista geral da horta;

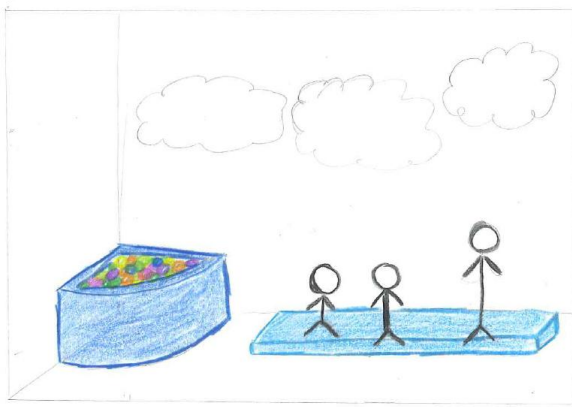


Ilustração 18 - Sala dos afetos;

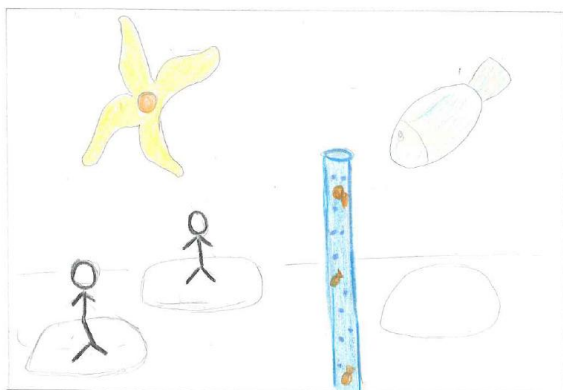


Ilustração 19 - Sala dos afetos II;

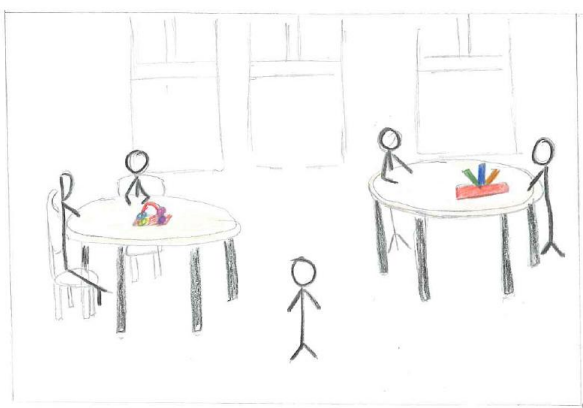


Ilustração 20 - Sala dos afetos III;

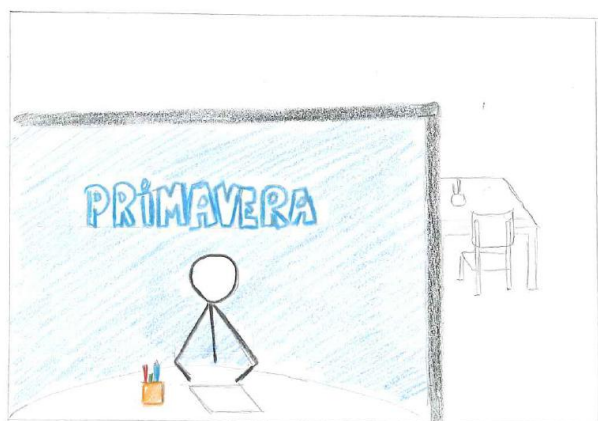


Ilustração 21 - Sala de Educação Especial;

Relativamente à duração, segundo o estudo realizado sobre o assunto, “...é preferível uma narração mais curta do que um arrastamento inútil dos assuntos para preencher um tempo pré-determinado.”. Como os casos a introduzir no documentário ainda não estão definitivamente escolhidos, ainda não nos é possível prever a duração definitiva, contudo, tendo em conta a estrutura por nós delineada, estimamos uma duração de 30 a 35 minutos.

Para concluir a definição dos conteúdos essenciais do documentário, foi necessário fazer uma pesquisa de documentação bastante aprofundada mas, para além disso foi essencial estabelecer contatos que vão permitir trazer ao nosso trabalho uma interpretação de alguém com conhecimentos nos assuntos a abordar. Durante as últimas semanas realizamos entrevistas prévias que constituíram verdadeiras fontes de informação para nós. Duas destas entrevistas foram relatadas na entrega anterior, esta semana realizamos uma nova entrevista ,a uma professora que trabalha há 19 anos na área de ensino a crianças com necessidades educativas especiais, que nos transmitiu imensa informação, perspetivas sobre o assunto e a sua própria experiência de vida sobre esta temática.

Entrevista:

Este é um pequeno resumo do que considerámos de mais importante na entrevista com a professora de ensino especial Alda Rodrigues:

Nas instituições de ensino existem meninos que se encontram integrados nas turmas ditas como regulares e outros, que permanecem a maioria do tempo, numa sala com outras crianças com NEE e que só integram as turmas “normais” uma vez por semana aproximadamente.

As crianças que permanecem na “sala especial” ou “sala dos afetos” tem à sua disposição uma equipa de professores especializados, onde trabalha a professora entrevistada sendo ela a coordenadora deste espaço.

No que diz respeito aos meninos que se encontram incluídos nas turmas regulares, apesar de apoio extra aula, não tem dentro da sala uma pessoa especializada na área a ensiná-los.

Em 2008 entrou em vigor um novo decreto-lei. O decreto-lei numero 3, este esclarece quais as crianças ilegíveis para a educação especial, ou seja, define quais os graus e tipos de problemáticas que podem ser consideradas como um problema e, partindo dessa definição, só as crianças que atinjam ou ultrapassem os limites descritos por este decreto tem acesso a um apoio mais especializado. Na opinião desta professora este decreto é bastante redutor, pois considera que apenas os casos extremos tem acesso a apoios que, por vezes, casos menos graves não tem, apesar de necessitarem. Pensa que deveria existir um “meio-termo” pois é nesse meio-termo que reside a maior taxa de dificuldades de aprendizagem nas escolas.

Apesar disso, e na opinião da entrevistada, o governo disponibiliza alguns meios: abre vagas a concurso consoante um x número de alunos que estejam sinalizados com nee, disponibiliza meios para a criação de salas como a “sala dos afetos”, psicólogos, terapeutas da fala e colocação de outros técnicos.

O psicólogo não se desloca muitas vezes à escola, nem acompanha de perto os casos. A sua função consiste em avaliar os casos para perceber se estes são ilegíveis para a educação especial ou não. Já a terapeuta da fala presta uma primeira avaliação, nos casos em que assim se justifica, e acompanha alguns no decorrer do ano letivo.

Alda Rodrigues considera os alunos mais problemáticos, aqueles que atingem o 3ºciclo, pois é nesta altura que se dá a transição para a vida ativa, o mundo do trabalho. Aos restantes alunos com nee, ele observa-os como pessoas felizes, bem inseridas e integradas no meio.

Quando confrontada com o termo “Escola inclusiva”, Alda não tem uma opinião clara. Por um lado pensa que traria vantagens, por outro, acha que as crianças ficam melhor com algum apoio e perto da sua casa visto que, existem bastantes familiares a darem resposta aos desafios que são a vida destas crianças, apesar de não se verificar em todos os casos.

Sabe que as expectativas que pode ter sobre estas crianças devem ser mais calmas. Todas elas aprendem mas, cada uma ao seu ritmo, ritmo esse que se verifica consideravelmente menor que as crianças do ensino regular. E diz ainda que é gratificante para os professores, ensinarem estas crianças pois “*aprendem montes de coisas giras*”.

Percebemos durante esta conversa que as crianças com nee utilizam bastante bem as tecnologias: telemóveis, computadores, que sabem como trabalhar a partir delas e comunicar também. Quase todos têm telemóvel e enviam sms e a grande maioria também tem página no *Facebook*, onde comunica com os seus amigos.

A mensagem que nos foi transmitida foi que mesmo com todas as dificuldades estas crianças vivem felizes.

Depois da recolha de pesquisa efetuada, da recolha de opiniões através das entrevistas prévias e do reconhecimento dos locais é-nos possível organizar quase todos os elementos a integrar no Guião. O documento que criamos não se trata do Guião final mas sim de um Guião-Prévio, de modo que apenas conterá a descrição e ordenação prévias dos assuntos a representar. Ao longo de todas as pesquisas que fizemos, conseguimos perceber que no caso

dos documentários a construção *a priori* de um Guião tem limites, uma vez que “...apenas se considera acabado em função dos resultados na fase de rodagem.”.¹

Contudo, consideramos de extrema importância ter um documento que nos “oriente” e que consiga representar a relação ordenada dos conteúdos que temos que representar.

Guião-Prévio:

	Sequências Narrativas	Duração (aproximada)
I N T R O D U Ç Ã O	“Sou diferente e depois?”	
	Sequência 1:	
	Local 1.1. Escola EXT.DIA	
	(várias crianças a brincar no recreio)	1 min;
	Local 1.2. Gabinete da Escola INT.DIA	
	(interveniente – psicólogo – a falar sobre as crianças com necessidades especiais com que contata diariamente)	2 min;
	Local 1.3. Sala de aula INT.DIA	
	(crianças a desempenhar as tarefas comuns em sala de aula, focando mais as crianças com NEE)	1 min;
	Local 1.4. Gabinete da Escola INT.DIA	
	(terapeuta da fala a explicar a integração das crianças com NEE nas escolas comuns)	2 min;
	Sequência 2:	
	Local 2.1. Centro Multideficiência INT.DIA	
	(captação de uma atividade que esteja a ser desenvolvida com as crianças)	1 min;

	<p>Local 2.2. Centro Multideficiência INT.DIA</p> <p>(opinião de um interveniente sobre o centro e sobre as crianças que frequentam aquele espaço)</p>	2 min;
<p>D</p> <p>E</p> <p>L</p> <p>V</p> <p>I</p> <p>M</p> <p>E</p> <p>N</p> <p>T</p> <p>O</p>	<p>Sequência 3:</p> <p>Local 3.1. Escola EXT.DIA</p> <p>(criança a realizar uma tarefa e depois a falar connosco)</p> <p>Local 3.2 Casa INT.DIA</p> <p>(testemunho do pai/mãe da criança sobre a sua vida, experiências por que já passaram, obstáculos que foram ultrapassados)</p> <p>Local 3.4. Casa ou parque EXT. DIA</p> <p>(atividade em conjunto dos pais e da criança)</p> <p>Sequência 4:</p> <p>Local 4.1. Casa ou parque EXT.DIA</p> <p>(atividade em conjunto de outros pais com o seu filho)</p> <p>Local 4.2. Casa ou parque EXT.DIA</p> <p>(criança a falar connosco)</p> <p>Sequência 5:</p> <p>Local 5.1. Escola EXT.DIA</p> <p>(criança a brincar com os amigos)</p> <p>Local 5.2 Escola INT.DIA</p> <p>(criança a brincar com os amigos e a falar sobre as</p>	<p>2 min;</p> <p>3 min;</p> <p>1 min;</p> <p>1 min;</p> <p>2 min;</p> <p>1 min;</p>

	<p>brincadeiras que costuma ter com eles)</p> <p>(amigo da criança fala em separado connosco)</p> <p>Sequência 6:</p> <p>Local 6.1. Centro multideficiência INT.DIA</p> <p>(pais e professores falam sobre a colaboração do Ministério da Educação nos casos de crianças com NEE)</p> <p>Sequência 7:</p> <p>Local 7.1 Centro Multideficiência EXT.DIA</p> <p>(criança fala connosco e de como se sente ao frequentar aquele centro)</p> <p>Local 7.2 Centro Multideficiência EXT.DIA</p> <p>(pais concluem a sua opinião sobre o centro e as condições que proporcionam ao filho/a)</p>	<p>2 min;</p> <p>2 min;</p> <p>3 min;</p> <p>2 min;</p> <p>2 min;</p>
<p>C</p> <p>O</p> <p>N</p> <p>C</p> <p>L</p> <p>U</p> <p>S</p> <p>Ã</p> <p>O</p>	<p>Sequência 8:</p> <p>Local 8.1 Gabinete DREC (Direção Regional de Educação Centro) INT.DIA</p> <p>(responsável dá-nos a sua opinião sobre o que o Ministério da Educação faz para ajudar as crianças com NEE do nosso País)</p> <p>Local 8.2 Casa INT.DIA</p> <p>(pai faz conclusão sobre o tema do ME)</p> <p>Local 8.3 Escola INT. DIA</p> <p>(psicólogo da sequência 1 conclui o tema e dá a opinião “final” sobre a integração destas crianças na sociedade)</p> <p>Local 8.4 Escola INT.DIA</p>	<p>3 min;</p> <p>1 min;</p> <p>1 min;</p>

Segue-se então a fase de pós-produção, que vai desde a criação e animação de infografias no *After Effects*, edição de vídeo até à montagem final. No que diz respeito às infografias, ainda não tivemos tempo para trabalhar a sua animação no *After Effects*. É um programa que não conhecemos e precisamos de algum tempo para nos dedicarmos à sua aprendizagem. Na entrega anterior (demo gráfica/técnica), as infografias utilizadas no vídeo de teste foram realizadas no *Adobe Premiere*. Contudo já obtivemos uma resposta positiva para uma OT com o professor Mário Rodrigues onde nos será transmitido algum conhecimento sobre este assunto.

Depois das infografias estarem concluídas, procede-se à edição de vídeo. Segundo a nossa pesquisa e, tendo em conta a informação publicada no *blog* de um grupo de projeto do ano anterior (Euragora), o *Adobe After Effects* apresenta alguns filtros interessantes para a edição de vídeo.

A montagem final realiza-se no *Adobe Premiere*. Relativamente ao som, o *Adobe Premiere* apresenta algumas limitações, por isso importamos o vídeo em formato .AVI para o *Nuendo* (*software* referido na viabilidade técnica). Este programa tem muitas funcionalidades, as que utilizámos até agora foram:

- O *plugin denoise* para retirar o ruído ao som;
- Os efeitos *fade in* e *fade out*;

Em futuras edições de som, teremos que explorar muito mais funcionalidades do *Nuendo*, para obtermos uma boa qualidade de áudio. Como é um programa que já conhecemos o seu manuseamento torna-se mais fácil e intuitivo.

Quando terminamos a edição de som, o ficheiro é exportado em .AVI e importado para o *Adobe Premiere* novamente, onde se fazem os ajustes finais. Depois de estar tudo concluído, o vídeo é exportado para os formatos adequados, tendo em conta qual a plataforma em que vai ser partilhado.

Visto que vamos trabalhar num produto audiovisual digital, achamos que é importante esclarecer alguns dos conceitos subjacentes a esta temática:

1.Encoder: um codificador é um *software* utilizado para codificar determinados ficheiros, no nosso caso vídeos, que visam alcançar uma melhor qualidade e/ou menor tamanho para armazenamento. A codificação no nosso caso vai permite diminuir o tamanho do ficheiro

permitindo uma partilha mais rápida nas plataformas web 2.0 mas o que também pode levar a perdas de qualidade.

2.Decoder: um decodificador é um dispositivo que realiza a operação inversa do um codificador, desfaz a codificação de modo a que a informação original possa ser recuperada. Pode ser passível a sua utilização neste projeto para quando necessitarmos de um ficheiro de vídeo com mais qualidade.

3.Container: é um arquivo que pode conter vários formatos de áudio e vídeo juntos, sincronizando-os.

4.CODECS: É um dispositivo capaz de codificar um fluxo de dados/ sinal seja para transmissão, armazenamento, encriptação ou decodificação passível de reprodução ou edição de vídeo.

Tipo de *codecs*:

- **DivX** – *codec* criado para compactar arquivos de vídeo sem perda de qualidade apesar da alta compactação. Utilizado quando é necessário um ficheiro que ocupe menos espaço no disco rígido. É de código fechado, ou seja, só funciona *no Microsoft Windows, Mac OS X, e Linux*.
- **XviD**- é um *software* livre que utiliza um *codec de vídeo* MPEG-4 de código aberto que funciona em qualquer plataforma operacional. Concorre com *DivX* e a sua qualidade de vídeo é superior à oferecida pelo mesmo, apesar disso, é exige um nível elevado do *hardware* no processamento dos arquivos.

5.Formatos de Vídeo:

- **FLV** - os arquivos FLV são bastante utilizados em sites de *streaming* de vídeos, como o *YouTube*. Possuem codificação de áudio *MP3* e a compressão utilizada torna-os mais compactos em relação aos vídeos de formatos tradicionais.
- **AVI**- é um formato encapsulado de áudio e vídeo criado pela Microsoft . É um dos formatos mais populares no mundo, nativamente reconhecido pela maioria das versões do Windows e por todos os leitores de DVD que são compatíveis com o *codec DivX*. AVI é uma forma de associação de entrelace de áudio e vídeo, cada um

deles em suas respectivas proporções e particularidades. O AVI pode conter uma faixa de vídeo codificada em qualquer *codec* e na mesma faixa é possível associar áudio em MP3.

Os **encoders** FLV e F4V são utilizados para vídeos que irão ser publicados em *Flash players*, como o *Adobe Flash Player*. Oitenta por cento dos vídeos em plataformas *online* de todo o planeta são vistos com recurso à tecnologia *Adobe Flash*.

- **VOB** - arquivos *VOB* são os mais utilizados nos DVDs. Estes integram vídeo, áudio, legendas e menus apenas num arquivo.

6.Áudio:

Arquivos de som podem existir em diversos formatos. Os mais utilizados na *Web* ou no próprio computador, atualmente, são *MIDI*, *WAVE*, *MP3*.

Tipos de áudio:

- **WAV**- é um tipo de formato onde o som é armazenado através de sequências numéricas. É uma forma de codificação em que o áudio é convertido em dados podendo ser gravado “fielmente” bit por bit. É um formato sem compressão, de arquivo de dados para uso no computador e limitado a arquivos menores de 4 GB. Compatível com os sistemas operacionais *Windows* e *Macintosh*, pode ser editado e manipulado com facilidade em *softwares*.
- **MP3** - Formato de áudio utilizado pelos codificadores de *MPEG-1* e *MPEG-2*, *AVI*, *DivX* e outros formatos de vídeo. Formato com pouca perda de qualidade na compressão.

A universalidade dos formatos de vídeo está ligada aos sistemas operativos do computador do utilizador. Por exemplo, um utilizador *Macintosh*, por ter o *Quick Time* pré-instalado, terá obrigatoriamente o formato *MOV* como universal. Os utilizadores que tenham sistemas operativos da *Microsoft*, terá na sua lista de formatos universais os que se reproduzem no *Windows Media Player*. O formato *MPEG*, neste caso, é universal para os dois sistemas operativos e será para nós o mais apropriado.

O *Youtube* será o repositório de partilha por nós utilizado. A plataforma de publicação *Youtube* permite *upload* de vídeos em alta definição, no entanto, para utilizadores comuns, existem algumas restrições:

- Vídeo inferior a 2GB de tamanho;
- *Upload* de vídeo num formato compatível com os suportados pelo *Youtube*;
- Vídeo com uma duração inferior a 15 minutos.

O *Youtube* permite o upload de ficheiros nos seguintes formatos:

- *WebM*;
- *MPEG4*;
- *3GPP*;
- *MOV*;
- *AVI*;
- *MPEG5*;
- *WMV*;
- *FLV*.

7.Compressão:

A compressão é um processo utilizado para reduzir o tamanho dos ficheiros para que facilite o seu armazenamento ou transmissão via *internet*.

Existem dois tipos de compressão, sem perda de dados (*lossless data compression*) e com perda de dados (*lossy data compression*).

Compressão sem perda de dados refere-se a métodos de compressão aplicados por algoritmos em que a informação obtida após a descompressão é idêntica à informação original. Compressão de dados com perda de qualidade é quando a informação obtida após a descompressão é diferente da original. Este tipo de compressão é frequentemente utilizado para compactar áudio e vídeo para a internet.

- Compressão de vídeo- tem como objetivo a diminuição do tamanho do vídeo. Para tal é usada uma técnica de compressão de imagem, que funciona através da remoção de informação em imagens que já foram projetadas.

Conclusão:

Perceber que na diferença reside a igualdade de sermos todos diferentes é algo que deve ficar na consciência do público no fim deste documentário.

Esta entrega foi mais um passo na criação do nosso produto final, o documentário. Foi um ótimo exercício que nos obrigou a planificar as questões mais importantes, fazendo-nos perceber quais os pontos onde vamos ter mais dificuldades futuramente. Também nos proporcionou uma motivação ainda maior para a fase que se segue, as filmagens.

Bibliografia:

[1] CANDEIAS, Victor, "Introdução ao Guião Para Documentário", pp.12-13, 1ª edição, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas Lda., 2003.